Miscellanea

I

Noticias varias

1. O inventario dos bens nacionaes

«Existe na bibliotheca da Universidade de Coimbra um pequeno volume lindamente calligraphado em pergaminho, com letras capitae realçadas de ouro e adornado primitivamente de 14 estampas em folha solta, outras tantas miniaturas ou quadrinhos sacros, devidos ao pincel subtil de um pintor anonymo. São umas Horas de Nossa Senhora, um d'essas preciosos devocionarios que faziam o encanto espiritual das damas galantes e religiosas dos seculos medievaes e ainda dos primeiros annos depois da invenção de Fausto e Guttenberg.

Mão profana cortou vandalicamente oito d'essas estampas, com intuito por certo ganancioso. De quatro d'ellas sabia-se a existencia em posse de particulares, e a custa de laboriosa campanha e até de sacrifíciios conseguiu o illustre director d'aquella bibliotheca que as pompas extravadias voltassem ao ninho materno, d'onde nunca deveriam ter saído.

As vicissitudes d'este episodio acham-se delicadamente narradas, para não ferir susceptibilidades pessoas, num dos últimos numeros do Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra. Ahí se fazem, com o mais levantado patriotismo, com o mais puro amor pela scienza, pela arte e pela litteratura, judiciosas considerações sobre a necessidade de inventariar methodicamente e com o mais criterioso escrupulo os objectos dignos de preço que existem no nosso pais e que devem ser transmittidos á posteridade, com piedoso respeito, como tesouro inviolavel, que, longe de ser defraudado, se deve ir aumentando de dia para dia.

Estamos de perfeito acordo com estas ideias e gostosamente as reforçaremos, sentindo não ter mais autoridade para fazer com ella pender o prato da balança em favor de uma questão tão momentosa.

Em todos os paises cultos se tem comprehendido e considerado como principio axiomatico que o meio mais efficaz de ocorrer á perda, ruina e extravio dos objectos preciosos, de caracter mais ou menos monumental, é proceder ao seu cadastro, já por meio das estações officiaes, já por meio das corporações de qualquer natureza, seculares e religiosas.
Em França deu-se começo a um trabalho d'esta ordem no ano de 1878, em que se publicou o 1.º volume com o título de Inventaire général des richesses d'art de la France. O ultimo, isto é, o 16.º da série, sendo o 3.º dos monumentos religiosos, saiu em 1901.

Não só debaixo do ponto de vista artístico e arqueológico, mas também debaixo do comércio ponto de vista económico e regulamentar, a feitura e generalização d'estes inventarios torna-se urgente, imprescindível, inadiável. Sabemos de algumas repartições onde se não faz registo dos objectos entrados, de modo que é difícil, senão impossível, exercer-se rigorosa fiscalização. O que vale é que a honradez proverbial dos seus directores tem obstado, senão em absoluto, pelo menos quanto possível, a que haja depredações e extravios de maior vulto.

Na Academia de Bellas Artes e no museu respectivo por muito tempo se deixaram de inventariar os objectos entrados, de sorte que é hoje muito dificultoso catalogá-los, indicando a sua procedência.

Se o desleixo e a incuria reinam em grande parte, é gostoso confessar que não faltam louváveis exceções à regra, e neste caso está o arquivo do Tribunal de Contas, que nos dizem ser um perfeito modelo.

Oxalá que as demais repartições o imitassem!

É sabido que quasi todos os ministerios publicam obras por conta própria ou adquirem exemplares de edições estranhas. Essas obras parece que não são arrecadadas nem distribuídas conscienciosamente. Ao passo que se contemplia o primeiro adventício que as solicia, deixam de ser enviadas para os estabelecimentos de ensino a cargo do Estado. Vão, por exemplo, á Torre do Tombo e, vejam quantas obras existem lá de semelhante procedência oficial! Em compensação aparecem nos alfarrabistas e nas tendas.

À Imprensa Nacional foi parar esporadicamente, não sabemos a que título, e sob que pretexto, o livro das Horas da rainha D. Leonor, procedente, se não estamos em erro, do extinto mosteiro da Madre de Deus. Este precioso manuscrito, de grande originalidade e de execução primorosa, é dos mais notáveis que possuímos, e devera ser recolhido, junto dos seus congéneres, ou na Torre do Tombo, ou na Bibliotheca Nacional. Ali é que é o seu logar próprio.

Para se mostrar quanto certos archivos estão longe de corresponder ao seu fim, citaremos as fadigas e diligencias, tantas vezes infrutuosas, que teem custado ao illustre engenheiro Sr. Adolfo Loureiro o coleccionar plantas e outros elementos, aliás modernos e contemporaneos, para a elaboração da sua monumental memoria descriptiva dos nossos portos marítimos, sobretudo o de Lisboa.
Por todos os factos que vamos apontando, pelas breves considerações que nos sugeriram e que poderíamos ampliar indefinidamente, vê-se de relance, e sem grande esforço, qual é a vantagem e a conveniência do Governo realizar desde já algumas medidas que ponham termo ao estado de desordem que domina em alguns estabelecimentos, reservando-se para apresentar às Cortes uma lei que resolva definitivamente o problema, satisfazendo as aspirações de todos os que desejam e fazem votos pela integridade do património nacional».

(Do Diário de Notícias, de 31 de Julho de 1906).

2. Os manuscritos da Real Biblioteca da Ajuda

«A Biblioteca Real da Ajuda é uma das nossas bibliotecas que possuem maior somma de manuscritos, alguns dos quais de singular importância, já sob o aspecto litterario e historico, já sob o aspecto artístico.

Os que se interessam pelo desenvolvimento intelectual do nosso país lastimavam que essas preciosas collecções não estivessem devidamente catalogadas de maneira que satisziessem de pronto sobre qualquer assunto a curiosidade dos estudiosos, quer nacionaes quer estrangeiros, sendo indubitável, como é, que a Biblioteca Real da Ajuda goza de merecida fama, como repositório bibliographico, tanto em Portugal como lá fora.

A lacuna, porém, vae brevemente ser preenchida, porquanto a organização do catálogo em bases científicas está incumbida a uma pessoa competentissima, com larga erudição e conhecimentos de línguas, a qual, desde outubro a esta parte, não tem descansado da sua ardua missão, espinhosa sobretudo pelos escassos subsidios de consulta e de confronto que existe no nosso país para semelhantes estudos.

Atualmente já se acham inventariados quatro mil numeros, que compreendem os manuscritos autonómicos e os volumes que contêm diversas peças, algumas d'elas de pequenas dimensões. Todas são descritas por fórma que se fica sabendo a matéria exacta do seu conteúdo.

Estas descrições referem-se não só á parte intrínseca da obra, mas aos seus caracteres extrínsecos, ou parte material propriamente dita. Assim se mencionam: a matéria prima, pergaminho ou papel e neste ultimo caso a marca de agua, o formato com a medida das linhas; se o manuscrito é original ou cópia; quem o executou calligraphica ou artisticamente; descrição dos desenhos e miniaturas; o mesmo com respeito ás encadernações ou outra circunstancia congenere, indicação
dos ex-libris e lista chronologica das livrarias e pessoas a que a obra pertenceu, etc.

Por esta breve resenha se ficará fazendo ideia aproximada da perfeição bibliographica do catalogo, que, oxalá, se conclua o mais breve possívei, sendo depois divulgado pela imprensa, para que os seus resultados beneficios mais facilmente sejam atingidos por todos os que mourejam neste campo das letras.

Sua Majestade o Sr. D. Carlos, por indicação do Sr. Ramalho Ortigão, foi quem ordenou que se procedesse, ainda que dispensadosamente, a este util e proficientissimo trabalho, que El-Rei vae seguindo com o maximo interesse.

Tem sido postas em evidencia muitas obras de alto merecimento, que jaziam ignoradas ou esquecidas. Entre ellas citaremos uma tradução hespanhola da Biblia, feita no sec. XV para uso dos Judeus.

É com prazer que registamos estes pormenores, esperançados de dar noticia, em não longinquo prazo, de se haver ultimado, com extraordinario proveito e não pequena gloria para o seu autor, a empresa que lhe foi incumbida e que muito realçará o seu nome, que por agora, para não offendermos a sua modestia, nos vemos obrigados a omitir».

(Do Diario de Noticias, de 1 de Agosto de 1906).

3. Portugal e a Catalunha (Escolas de pintura)

«Meu caro Dr. Alfredo da Cunha.—Num artigo intitulado «Portugal e a Catalunha», accentuava ha dias o seu excelente jornal, a projeto da criação, em Barcelona, de duas cadeiras para o estudo da lingua, da litteratura e da historia do nosso país, que, já pelas tradicoes historicas, já pela afinidade de ideias e de tendencias, a Catalunha é, para nós, uma das regioes mais sympatheticas de Hespanha.

A leitura d'esse artigo suggeriu-me o pensamento de divulgar um facto revelado pelo erudito escritor hespanhol Sanpere y Miquel, num livro recentissimo, Los cuatrocentistas Catalanes, facto que, sendo do mais alto interesse sob o ponto de vista da genera da nossa antiga escola de pintura, constitue, ao mesmo tempo, mais uma prova das relações que outrora ligaram o extremo-occidente e o extremo-orientante da Peninsula.

Refiro-me á presença, documentalmente provada, dos pintores portugueses Vasco Fernandes e Joao Paiva em Tortosa e Barcelona, respectivamente, em 1459.

Este Vasco Fernandes não é, decerto, o autor do famoso S. Pedro, da Sé de Viseu, o artista visiense que uma escritura descoberta e im-
pressa pelo Sr. General Brito Rebello nos apresenta em Lisboa, na officina do pintor Jorge Affonso, em 1515, e que, segundo documentos publicados pelo Sr. Dr. Maximiano de Aragão, foi, desde 1512 até 1541, emphyteuta de uma casa em Viseu, sendo já fallecido em 13 de setembro de 1543.

Será, porém, o Vasco, «illuminador» da corte de D. Affonso V, a quem se refere um documento, muitas vezes citado, de 1455? Pendo a crer que não.

Seja como for, é inquestionável que, perante o facto apontado pelo sr. Sanpere e Miquel, corre-nos o dever de estudar com atenção os «primitivos» catalães, e determinar a influencia que acaso tenham exercido na formação da nossa antiga escola de pintura, até agora exclusivamente filiada pela critica na arte flamenga.

Maius uma vez se prova a impossibilidade de estudar a nossa arte sem estudar simultaneamente a arte hispaholana, e mais uma vez fica evidenciada a necessidade de reunir numa exposição os numerosos quadros anteriores á influencia da Renascença italiana que se encontrem no país,—a exemplo da exposição dos «primitivos» flamengos realizada em Bruges em 1902; da exposição de arte antiga nesse mesmo anno organizada pela comissão municipal de bellas-artes de Barcelona, e que determinou a elaboração dolo bello estudo do Sr. Sanpere y Miquel; da exposição simultaneamente efectuada no Louvre e na Bibliotheca Nacional de Paris em 1904, e que teve por objecto a arte francesa durante o governo dos principes da casa de Valois (1328–1589); etc.

Já em 1895 ou 1896 propus, á grande comissão do centenário da India, de que tive a honra de fazer parte, que, por occasião das festas, se levasse a effeto em Lisboa uma exposição que permitisse o estudo da nossa antiga pintura—á determinação das influencias que nella actuaram, a evidenciação do que nella haja de typico e original, a formação de grupos ou series, e, tanto quanto possível, atribuições seguras, pelo estudo conjugado de fontes pictórias e fontes documentaes.—D. José Pessanha».

(Do Diário de Noticias, de 16 de Agosto de 1906).

4. Movimento artístico

«Quando ha pouco se inaugurou no Porto uma exposição comemorativa do centenário do eminento pintor Vieira Portuense, assim cognominado para se distinguir de outro artista que o precedeira, o não menos afamado Vieira Lusitano, pronunciaram-se diversos discursos, em que se accentuou mais uma vez a nota deprimente da nossa deca-
dencia artística, e se accusaram os nossos governos de terem deixado ao abando no as cousas das bellas-arts, e não terem protegido convenientemente os seus cultores.

Esta critica, em absoluto, é injusta, porque é menos verdadeira. Não pretendemos absolver e muito menos fazer a apologia da acção governativa; desejamos apenas evidenciar que os factos não corroboram a censura, mórmente quando esta se manifesta com singular exagéro.

A prova mais convincente de que o antigo regi men não descurou o ensino e boa pratica do sentimento esthetico, encontra-se ahi a cada passo nos inumeros monumentos de toda a especie que ainda nos restam, e alguns dos quaes fazem a admiração do estrangeiro.

Apesar de mais sujeitos às diversas causas destruidoras do que a arquitectura e a escultura, os thesouros da antiga pintura portuguesa ainda são preciosos, sendo bastantes as povoações do reino, do norte ao sul, que se podem orgulhar da posse d'essas inestimaveis joias.

As cathedraes, igrejas e outras corporações de Evora, Setubal, Lisboa, Thomar, Coimbra, Viseu, S. João de Tarouca, Porto, conser vam nos seus recintos collecções mais ou menos avultadas, que formam galerias, e podem servir ao mesmo tempo de regalo á vista e de con solo ao espirito, porque são outras tantas paginas historicas e outras tantas miniaturas do livro do bello.

Está hoje provado que no tempo de D. Manoel houve em Lisboa uma importante escola de pintura, ou antes, para melhor dizer, um grande centro de faina artística, do qual saiam diversos mestres a disseminar-se por outras terras do reino, onde iam exercer mais ou menos temporariamente a sua actividade.

Entre elles conta-se Vasco Fernandes, conhecido vulgarmente por Gran Vasco, o sublime autor do S. Pedro, da Sé de Viseu.

O movimento, porém, já vinha de longe, sendo não poucos os artistas que trabalharam no reinado de D. Affonso V e dos quaes chegaram até nós alguns apreciaveis vestígios.

Nos reinados a seguir ao de D. Manoel a corrente não se partiu, embora ficasse estacionaria no periodo filipino até que D. João IV, que prezava sobre tudo a musica, lhe deu novo impulso.

O numero de artistas portugueses que em todos os tempos, por conta do rei ou do governo portugueis, foram estudar lá fora é bastante avultado, e pena é que se não tenha organizado uma lista, por epochas e por especialidades, pela qual se pudesse formar ideia aproximada da influencia que tem exercido as escolas estranhas sobre os nossos artistas. A Flandres, a Italia, a Hespanha e a França são os países que elles mais tem frequentado.
Nos tempos modernos os nossos artistas mais em voga tem sido pensionistas do Estado no estrangeiro, e por isso não se pôde dizer que a minguia de protecção oficial é que os seus talentos não se tem expandido, de modo que formem reputações universalmente conhecidas».

(Do Diario de Noticias, de 21 de Agosto de 1906).

5. Ceramic Portuguesa

«A cerâmica é, sem dúvida, uma das industrias artísticas que mais tem prendido a atenção de quantos se interessam pela arte.

Que em Portugal foi larga e brilhantemente cultivada, provam-no as bellas faianças que na segunda metade do sec. xviii e nos primeiros annos do seculo passado se fabricaram em Lisboa (Rato, Bica do Sapato, etc.), no Porto, em Coimbra, em Viana do Castello, em Estremoz, etc., as características faianças decorativas das Caldas da Rainha, os formosíssimos azulejos, de diversos generos e de diferentes épocas, que revestem as paredes de muitas das nossas igrejas, capellas, conventos e palacios, e até de não pequeno numero de modestas residencias.

Nos ultimos annos, tem os produtos da cerâmica nacional sido colleccionados e estudados com certo entusiasmo, devendo citar-se, como das mais evidentes manifestações d’esse interesse, a exposição levada a effeito, no Porto, em 1882, pela benemerita Sociedade de Instrução, os eruditos annos do Sr. Joaquim de Vasconcellos por essa occasião publicados, e a constituição de numerosas collecções particulares, formadas, por vezes, á custa de avultado dispendio.

Faltava, porém, uma historia geral, quanto possível completa e documentada, da nossa actividade nesse ramo das industrias de arte. e um diccionario de marcas, que servisse de guia ao amador.

Esse trabalho, acaba de realizá-lo um artista distincto, o Sr. José Queiroz, que a elle consagrou, com rara perseverança, mais de dez annos de estudo sobre alguns milhares de peças, umas de collecções officiaes e particulares, outras dispersas, e sobre as fontes documentaes de que pôde haver notícia.

O livro, em que o Sr. Queiroz vae apresentar-nos o resultado das suas longas e trabalhosas investigações, deve ser publicado no proximo inverno. Comprehende um esboço historico da cerâmica em Portugal, noticias documentadas acerca das principaes fabricas, um diccionario de marcas para o qual o autor coligiu mais de 650, quasi todas ineditas, outros dos nossos ceramistas, um estudo sobre o azulejo e outro sobre a escultura cerâmica, etc.

Fórma, ao que nos consta, um bello volume de cerca de 400 paginas, amplamente illustrado. As gravuras são do atelier do Sr. Tho-
más Bordallo Pinheiro, e a parte typographica foi confiada às officinas
do Annuario Commercial, de que é proprietario o Sr. Manoel José da
Silva, e que, decerto, hão de pôr o mais acurado esmero na execução
d’essa obra, destinada, pela sua natureza, a um publico selecto, aqui
e no estrangeiro, onde, felizmente, a nossa historia, a nossa litteratura
e a nossa arte vão despertando interesse».

(Do Diário de Noticias, de 29 de Agosto de 1906).

6. Almoçageme

«Foi neste pittoresco logar, pertencente ao concelho de Cintra, onde,
conforme nos noticiou o nosso dedicado correspondente, se realizou no
domingo a festa annual a Nossa Senhora das Graças.

As nossas gravuras representam: uma casa antiga, que achamos
curioso publicar, e a outra, o largo principal onde se efectuou o arraial».

(Diario de Noticias, de 10 de Outubro de 1906).

Nota.—Fóra dos estudos do Sr. Rocha Peixoto, publicados na Portugalia,
pouco mais ha sobre as habitações rusticas em Portugal, o que é devido á falta de
inclinação d’aquelles a quem mais competia esse trabalho para tudo quanto ha tra-
dicional entre nós. Todavia nós não podemos bem conhecer o desenvolvimento
da civilização em Portugal sem irmos às aldeias mais recónditas do país, para ahí
apanharmos em flagrante as manifestações diversas da antiguidade que ainda
hoje sobrevivem. Especialmente a habitação oferece-nos com facilidade o auto-
matismo etnico e os effetos das conquistas em grau de subida pureza.

Quanto mais subirmos na antiguidade, tanto mais facilmente podemos com-
prehender os productos modernos que tendem a unificar-se. É o que sucede nos
indivíduos que, á medida que vão envelhecendo, vão perdendo cada vez mais a
espontaneidade da manifestação dos sentimentos.
7. Um cemitério

«Cintra, 13.—Na Praia das Maçãs, na encosta sobranceira à praia, para o lado do nascente, ou seja na margem direita do rio, por virtude de umas escavações que ali se tem feito há dias, para arrancar burmeira,—areia petrificada, empregada nas construções, em substituição do tijolo,—tem aparecido muitas ossadas humanas, que dão ideia de ter sido aquelle local algum cemitério antiquíssimo.

Os trabalhadores empregados naquella exploração, tinham até hontem destruído quatro sepulturas, que são abertas na burmeira, e de onde extrahiram muitos ossos, alguns dos quais se desfizeram por completo.

Recommendámos-lhe com empenho, attendendo ao interesse que d'ali poderia vir aos estudiosos, que de futuro se limitassem a descobrir as sepulturas, deixando-as intactas, e as ossadas que contivessem.

Chega-nos a noticia de que estão descobertas nove sepulturas, que só amanhã poderemos examinar, visto que os nossos trabalhos nos não permittiram ir hoje ali.

Trata-se, ao que parece, de um antigo cemitério. De que época? Ninguem nos sabe explicar, pois ninguém conserva memória de ter havido ali qualquer povoação. O que é certo, porém, é que aquellas sepulturas estão na mesma linha em que se encontram as ruínas romanas no anno passado descobertas proximo de Almocageme.

A noticia ahí fica para que competentes ali vão ver do que se trata, limitando-nos nós a dar a noticia do que vimos, se por ventura tiverem sido attendedos os nossos conselhos para que não se destrua tudo».

(D'O Seculo, de 14 de Outubro de 1906).

8. Apparecimento de ossadas na Praia das Maçãs

«Cintra, 13.—C.—Na Praia das Maçãs, proximo do local terminus dos carros electricos, foram abertos uns caboucos para exploração de pedra. Agora apareceram nove sepulturas, e numa d'ellas uma cavela em bom estado de conservação.

O caso produziu bastante sensação, tendo já hoje ido ali grande numero de pessoas examinar estes sepulcros.

Sabemos que o Sr. Visconde de Idanha, digno administrador do concelho, vae ali amanhã, não consentindo que naquellas escavações se façam quaesquer trabalhos que possam destruir ou prejudicar a estrutura das mencionadas sepulturas».

(Do Diario de Notícias, de 14 de Outubro de 1906).
9. As sepulturas na Praia das Maçãs

«Tem sido grande o número de pessoas que, atraídas pela nossa notícia de hontem, foram hoje à praia das Maçãs ver as sepulturas ali descobertas. Infelizmente pouco tem para ver, pois que o espírito destruidor daquela gente, e talvez que o desejo ou a esperança de descobrirem alguns objectos de valor, tem destruído os vestígios de todas as sepulturas descobertas, em número superior a dez. Hoje só uma sepultura existia intacta, mas a sepultura só, porque a ossada foi tirada de lá em grande parte, e o crânio, que ainda estava inteiro, partido de encontro a uma pedra.

As sepulturas, porém, parece prolongarem-se para a estrada, e talvez que fosse possível alguém ter força naquela gente para conseguir que algumas deixem intactas, a fim de se poder melhor averiguar a época a que pertencem.

As sepulturas que hoje ali vimos, e que é, como já dissemos, cavada na burneira, não tem dois metros de comprido, e mede só dois palmos de largo. A ossada que ali se encontra apresenta-se completa, tanto quanto o podia estar attendendo a sua antiguidade; estava como todas as que se tem encontrado, com a cabeça para o lado do rio e os pés para o nordeste.

Sobre as covas há uma camada de terra negra, de pouco mais de um palmo de espessura, e, por sobre esta, areia na altura mais de um metro.

Temos procurado investigar se tem aparecido e sido recolhidos alguns fragmentos de cerâmica, armas ou moedas, e tem-nos afirmado que nada tem aparecido.

Nada ha, pois, que nos possa dar a certeza se ali foi cemitério, e em que época, ou se, segundo alguns dizem, serão cadáveres arrojados à praia que ali tinham sido enterrados, o que nos não parece provável por serem em tão grande número».

(Do Diário de Noticias, de 15 de Outubro de 1906).

10. Descobrimento de seis sepulturas e ossadas

«Covilhã, 13. — C. — Os jornaleiros empregados na plantação do pinhal do Sr. José Maria de Mello, no sitio do Cabeço do Senhor Jesus, acabam de descobrir seis sepulturas e respectivas ossadas, que parecem datar de longa época. O chefe da polícia foi visitar o local e co- lhêr informações, constando que ha ainda mais sepulturas, feitas todas em saliêr ou fraga, com vãos para os pés e cabeça, ficando esta in-
variavelmente para o nascente. Vae ser ouvido o sub-delegado de saúde e levantado o competente auto».
(D-O Século, de 15 de Outubro de 1906).

11. Duas inscripções romanas na praia de Santa Cruz

«De Santa Cruz pouco se pôde adeantar com respeito á sua origem. Apenas da Descrição Historica e Economica da Villa e Termo de Torres Vedras se pôde concluir que fôra uma grande povoação no tempo dos Romanos. Com o correr dos séculos decaiu da sua grandeza, chegando a ter uns 7 a 8 fogos e uns 28 a 30 moradores, sendo o terreno arido e coberto pela maior parte de areias, que os ventos tem acarretado para terra.

Em 1861 já ali se via maior numero de casas, e de então para cá tem aumentado bastante, sendo aquella a praia predilecta dos moradores da villa e termo de Torres Vedras.

É tradição que fôra parochia de Atougueia.

A atestar a antiguidade de Santa Cruz existem várias sepulturas, de Romanos bem abastados ou illustres, uma das quaes foi levada em tempos para o extinto convento de Penafirme; outra ainda se vê em Santa Cruz, junto às casas do illustre viticultor torreense Sr. Manoel Francisco da Veiga, e é um caixão de pedra loz, com seu ornato de relevo dos lados da parte de baixo, e tem numa das cabeceiras um epitafio que só em setembro de 1858 se descobriu e leu, porque até ali estavam as letras quasi todas soterradas. Muitas das letras estavam em parte gastas, e em parte quebradas por mão rustica quando para ali a conduziram; mas as que se descobrem são muito bem abertas e com pontuação exacta de pontos.

O que ainda se lê, segundo pessoas competentes, é o seguinte:
«Caio... filho de Quinto... de idade 25 annos, está aqui sepultado. Valério e Julia... o mandaram fazer. Seja-te a terra leve».

Esta sepultura foi achada nos aliceres da primitiva ermida de Santa Helena, ha 150 annos, a qual se desmoronou por estar já a cair no mar».
(Do Diário de Noticias, de 16 de Outubro de 1906).

12. O teatro romano de Lisboa, segundo um antigo viajante sueco

«Com os mais desencontrados sentimentos foi-me dado hoje contemplar um notavel monumento arqueológico, que no outumno passado se descobriu casualmente na Rua de S. Mamede.

Tendo previamente tomado as necessárias informações, dirigi-me para esse logar. Chegado a uma das mais altas colinas da cidade,
de onde se goza uma linda vista dos bairros baixos e do rio, desci por um caminho muito sinuoso, entre terrenos estratificados, até que fui dar a uma pequena praça, onde muros de terra limitavam o horizonte por todos os lados.

Columnas abatidas, umas inteiras, outras em pedaços, architraves e capiteis jaziam espalhados aqui e acolá. Era o sítio onde se erguia outr'ora um teatro romano.

No amphitheatro, de marmore de córes, mais ou menos conservado, havia uma inscripção que permitia fazer ascender a sua antiguidade ao ano 57 do nascimento de Cristo. Era consagrada a Nero por um sacerdote augustano, chamado Caius Heius Primus, e continha uma enumeração dos títulos adoptados pelo imperador. Sob um silêncio de abandono, achava-me pois numa praça onde em tempos remotos, subditos da nação, que era soberana no mundo, se davam reuniões para gozar os bellos prazeres da arte! Mas era apenas a sombra de antigas pompas o que se via nessas ruínas, que, depois de tantos seculos occultos do olhar dos homens, começavam agora a surgir de novo numa luz duvidosa. A adulação em louvor do mais abominável tyranno da terra, estava ali orgulhosamente perpetuada naquella lisonja lapidar. A inscripção contudo era mais simples do que muitas outras de seculos posteriores em honra de principes fracos ou tyrannos, e que celebravam virtudes que elles não tinham, em contraste flagrante com os vicios, que formavam o traço principal do seu caracter».

(Diario de Noticias, de 29 de Novembro de 1906. Tradução do sueco por Antonio Feijó das Viagens em Portugal, 1798–1802, de C. J. Ruders).

PEDRO A. DE AZEVEDO.

II

Sepulturas de Alforada

Segundo uma informação do Sr. Cayeux, funcionario do Jardim da Escola Polytechnica, transmitida ao Museu Ethnologico pelo Sr. Paul Choffat, consta que numa propriedade do Sr. Conde da Ervedeira, junto à estrada de Reguengos, perto da Vendidinha, monte de Alforada, a exploração de uma pedreira occasionou o acharem-se, ha quatro ou cinco annos, algumas sepulturas formadas por lousas, e com esqueletos dentro. Podem ver-se ainda no logar algumas lousas. Não se encontrou objecto algum. Parece que tambem se encontraram galerias de esqueletos qua se consideram romanos. (1906).

F. A. P.

1 [Cf. Corp. Inscr. Lat., ii, 188].
III

Assinar de cruz

Era costume outr'ora *assinarem de cruz* nos documentos oficiais os indivíduos que não sabiam escrever. Hoje esse costume está em decadência, posto que eu o tenho observado bastantes vezes. D'ahi vem o que se lê em Moraes, *Dicc. da Ling. Port.*, s. v.: *assinar de cruz* dizemos que o faz o membro de alguma corporação, ou contrato, que por ignorante, ou deferente e subserviente, faz quanto querem d'elle, e não tem voto seu.

A regra hoje é quem escreve o documento fazer um traço horizontal entre os dois nomes da pessoa que assina, por ex.: *Manoel — Dias*; e esta depois completar a cruz: *Manoel + Dias*.

Num manuscrito de 1582—1583, muito roto e estragado, pertencente á Misericordia de Guimarães, encontram-se os seguintes sinaes no meio dos nomes de pessoas que não sabiam escrever:

1) + +
2) O
3) ❉

No primeiro exemplo vemos simplesmente cruzes, embora cada uma de sua forma. No segundo está uma cruz inscrita em um círculo. No terceiro figura um *signum-Salomonis*, que para o povo tem pouco mais ou menos o mesmo valor religioso que a cruz.

J. L. DE V.

IV

Novo additamento á noticia necrológica do Dr. Teixeira de Aragão

(Vid. *O Arch. Port.*, xi, 258)

Por indicação do Sr. Annibal Fernandes Thomáis, encontrei no *Almanach Arsejas* mais os seguintes artigos do Dr. Teixeira de Aragão:

a) *O Diabo e a sua corte*: Almanach de 1877, p. 49 sqq.;
b) *Typos historicos*: Almanach de 1878, p. 51 sqq.

---

1 Isto que digo pôde também verificar-se nos amuletos, onde a cruz alterna com o sino-saimão.
Estes dois artigos foram, como verifiquei, aproveitados depois por Aragão no seu livro Diabruras, Santidades e Prophecias, Lisboa 1894, pp. 11 sqq. e 42 sqq, e pp. 133 sqq. e 147 sqq. Tratam de superstições populares, e dos profetas do sec. xvi, Bandarra e Simão Gomes.

J. L. DE V.

Acquisições do Museu Ethnologico Português

 Fevereiro de 1906

O Sr. Pedro Ferreira ofereceu vinte e três moedas indo-portuguêsas e um pataco de louça.

A Sr.ª D. Maria Guilhermina de Jesus ofereceu nove moedas bysantinas, de cobre.

O Sr. Pedro de Azevedo ofereceu dois machados de pedra da freguesia de Louisa, concelho de Loures, e outro da freguesia de S. Macedo da Ventosa, concelho de Torres Vedras.

O Sr. J. Gualdino Pires ofereceu um machadinho de serpentina.

O Sr. Francisco Simões ofereceu uma tegula, quasi inteira.

O Sr. Dionísio Augusto ofereceu um machado de pedra de Cidadelhe, concelho de Pinhel.

O Rev. do Manoel Soares da Silva ofereceu duas lapides romanas.

O Sr. Director do Museu adquiriu os seguintes objectos:

Duas moedas de prata do continente do reino e uma rupia da India portuguesa; 116 pergaminhos, soldos, dos sec. xiv, xv e xvi; 20 documentos, escritos em papel, dos sec. xvi e xvii; cinco livros manuscritos, dos mesmos seculos; um maco de documentos do sec. xvi; e três machados de pedra e um de bronze, por intervenção do Sr. Jaime Leite de Vasconcellos Pereira de Mello.

O Sr. Dr. Félix Alves Pereira, oficial do Museu, adquiriu os seguintes objectos, de Arcos de Val de Vez:

Modelos de talão, de tear, de lagar, de espigueiro e de arado sem rodas (cabrita); um modelo de armario de cozinha minhota, e uma carranca de pedra de época portuguesa.

Obtive em um leilão quinze moedas indo-portuguêsas de prata e cobre, uma das quaes, atii de Diu, do tempo de D. Pedro II, é muito rara.

 Março de 1906

O Sr. Mario Abreu Marques ofereceu dois machados de pedra.

O Sr. Manoel Fernandes Junior ofereceu uma lança de bronze.